

# 160 ANOS

*A. Gomes da Costa*

O Real Gabinete Português de Leitura comemorou, no dia 14 de maio de 1997, 160 anos de existência.

É uma efeméride importante, não só para toda a comunidade portuguesa do Brasil, que sente orgulho na instituição e do que ela representa como foco irradiador de Cultura, mas também para os dois países, Portugal e Brasil, na medida em que a ambos sempre serviu e dignificou.

Deste período, que abrange várias gerações, já foi escrita a crônica. Dos Homens que transformaram sonhos em realidades já se proclamou o louvor. Do trabalho admirável e das doações permanentes está feito o registro. Aos que trabalharam e investiram, aos artífices e aos benfeitores, não há como negar o reconhecimento. Mas 160 anos é uma extensão considerável da História do Brasil independente. Ainda estávamos sob o signo de Ipiranga quando 43 emigrantes portugueses, reunidos num velho sobrado na antiga Rua Direita, fundaram o Gabinete Português de Leitura. E, antes da agonia do Império ou, precisamente, em 10 de junho de 1880, algumas centenas deles, sob o impulso de Eduardo Lemos, decidiram construir e lançaram a primeira pedra do edifício-sede que hoje é uma das mais belas jóias arquitetônicas da cidade.

Veio a República e no início do século, a instituição transformou-se em biblioteca pública. Em 1922, nas “Festas do Centenário”, o Real Gabinete (já era Real por força do título que lhe fora concedido em 1906 pelo Rei D. Carlos) levou a cabo um dos projetos mais extraordinários já realizados no âmbito da luso-brasilidade, consubstanciado na edição, em fascículos, da *História da Colonização do Brasil*. A obra monumental, sob todos os pontos de vista — literário, científico e artístico — foi dirigida e coordenada por Carlos Malheiro Dias, Roque Gameiro e Ernesto de Vasconcelos e só se concretizou, em termos financeiros, graças à generosidade de Albino Sousa Cruz.

Deixemos, entretanto, o passado — e voltemos, por instantes, ao futuro. O que vai ser o Real Gabinete Português de Leitura na virada do milênio?

Eis aí uma pergunta provocadora que nos leva, por uma vertente, à

necessidade de se juntarem alguns patrimônios associativos, pertencentes a várias instituições filantrópicas de raiz portuguesa, para se poder dar continuidade àqueles compromissos que se projetam sobre o devir. Será uma forma de se ligar o destino desses patrimônios a objetivos que têm como finalidade última a preservação dos valores de um povo e de uma cultura.

No entanto, a mesma pergunta, na outra vertente, induz-nos a responder que também vamos precisar de avançar com a modernização do Real Gabinete Português de Leitura, não apenas como uma biblioteca, com as estantes repletas de livros e os acessos da informática, mas também como “espaço cultural” em permanente atividade, com cursos e palestras, exposições e produtos de multimídia, onde os jovens brasileiros possam sentir e usufruir de tudo aquilo que Portugal tem de melhor na sua Literatura, na sua Arte, na sua Música, no seu Teatro, na sua riqueza humana.

São desafios empolgantes: um, remodelar as estruturas associativas para lhes dar nova configuração quando está em curso a passagem do testemunho para os luso-descendentes; outro, proporcionar ao Real Gabinete Português de Leitura condições para ser uma referência para os brasileiros — uma referência no seu traçado neo-manuelino da epopéia de Quinhentos, mas, sobretudo, uma referência nas suas Obras e no seu Magistério, do gênio e da criação do povo português em todos os tempos.

*Que ousar e perfazer tamanho feito  
Fora a humanos esforços impossível  
Se o braço português não ajudasse.*

— Assim escreveu Almeida Garrett, no canto IV, do seu *Camões*.